



UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
SISTEMA DE BIBLIOTECAS DA UNICAMP
REPOSITÓRIO DA PRODUÇÃO CIENTÍFICA E INTELLECTUAL DA UNICAMP

Versão do arquivo anexado / Version of attached file:

Versão do Editor / Published Version

Mais informações no site da editora / Further information on publisher's website:

<https://www.iar.unicamp.br/publionline/letraeato/hosting.iar.unicamp.br/publionline/index.php/letraeato/article/view/221.html>

DOI: 0

Direitos autorais / Publisher's copyright statement:

©2012 by UNICAMP/IA. All rights reserved.

DIRETORIA DE TRATAMENTO DA INFORMAÇÃO

Cidade Universitária Zeferino Vaz Barão Geraldo

CEP 13083-970 – Campinas SP

Fone: (19) 3521-6493

<http://www.repositorio.unicamp.br>

Cadernos

letra e ato

Semelhanças entre *O tempo e o vento* e *Marta, a árvore e o relógio*

Gabriela ÜBER¹

TEATRO E ROMANCE

Ao procurar analisar comparativamente duas obras de gêneros diferentes, *Marta, a árvore e o relógio*, de Jorge Andrade, e *O tempo e o vento*, de Erico Verissimo – dramático e narrativo, respectivamente – destaco que viso a uma análise vinculada ao conteúdo e, até certo ponto, distanciada das questões de forma, pensando nestas como um suporte para a apresentação do material ficcional. Esse enfoque deve-se ao fato de ambos os escritores, apesar de utilizarem gêneros diferentes, apresentarem objetivos, questionamentos e inquietações semelhantes em suas obras. Lukacs apresenta no trecho seguinte uma ideia comum a todos os gêneros literários:

O centro, o coração desta estrutura que determina a forma é sempre, em última análise, o próprio homem. Sejam quais forem os pontos de partida duma obra literária, o seu tema concreto, o objetivo que ela visa diretamente, etc., a sua essência mais profunda exprime-se sempre por esta pergunta: O que é o homem? (LUKACS, 1964, p.5)

Partindo desse argumento de Lukacs, pretendo avaliar comparativamente as obras mencionadas a partir de seu valor conteudístico, da observação de como cada autor trabalhou literariamente algumas questões que lhe pareceram importantes para abordar artisticamente.

¹ Formada em Estudos Literários na Unicamp, atualmente cursa o mestrado em Teoria e História Literária na Unicamp, com ênfase no estudo da obra de Jorge Andrade e Erico Verissimo. E-mail: gabrielauber@hotmail.com.

A SIMBOLOGIA CONSTANTE

Marta, a árvore e o relógio (escrito entre 1951 e 1970), de Jorge Andrade, é um conjunto de dez peças que formam um ciclo entre si, podendo ser analisadas separadamente ou como uma só obra, já que retratam as mesmas famílias, histórias e conflitos. A ordem em que Jorge Andrade compôs as peças não é a ordem cronológica de suas ações, o que aumenta o nível de complexidade do seu trabalho: ele interliga peças que se passam em épocas mais atuais com as mais antigas; além disso, trama seus enredos de forma que uma peça escrita anteriormente à outra possa mencionar algo da próxima, como se ela já existisse. “É única, esta obra, pela grandeza da concepção e pela unidade e coerência com que as peças se subordinam ao propósito central”. (ROSENFELD, 1986, p. 599)

Persistem, ao longo do ciclo, as três figuras que dão o seu nome: Marta, a árvore e o relógio. Em todas as peças, aparecem esses três símbolos fisicamente, ou mencionados. Marta é o nome da personagem principal da primeira peça do ciclo, *As confrarias*, e também o nome de personagens de outras quatro peças. Aparece, ainda, nas outras cinco peças do ciclo, mencionada como uma mártir ou como uma parente antepassada de algum personagem.

Marta alone has the epic vision of past, present and future: the historical perspective. Her age illustrates this. In *As Confrarias* she is the mother of a man of thirty. In *A Escada*, a play almost two hundred years removed from *As Confrarias*, she is Vicente's cloistered neighbor. (PINTO, 1984, p.365)

Em *As confrarias*, podemos ver claramente, através dos atos de Marta, o que ela representará ao longo das outras peças: o desejo de mudança; o símbolo da esperança para todas as gerações futuras, não apenas o símbolo, mas o incentivo, a força. Ela carrega o cadáver do filho de uma confraria à outra, em busca de um lugar para enterrá-lo, mas sabe de antemão que não conseguirá encontrar – o que ela quer é mostrar o que havia de errado, o quão fechadas e cheias de pré-requisitos eram as confrarias, e fazer com que seu filho fosse útil também depois de morto. “Marta surge como mãe impiedosa, mercê de um ato de piedade talvez superior, visto manter o corpo do filho José insepulto para que o morto sirva aos vivos”. (ROSENFELD, 1986, p. 607) Assim como Marta, as mulheres do ciclo de Jorge Andrade, em geral, são bastante terrenas e estáveis, além de muito fortes.

Outro símbolo contido no título do ciclo é a árvore. “Jorge Andrade's choice of the fig tree as a symbol of hope and sustenance throughout the Cycle”. (PINTO, 1984, p.368) A árvore aparece com maior frequência que Marta, pois não só é mencionada, mas também

está presente constantemente em cenários, como de *Vereda da salvação* e *A moratória*, ganhando força simbólica.

As árvores remetem à ideia de enforcamento de duas formas: por ser, de fato, onde se enforcaram homens (em mais de uma peça); e, no sentido figurado de uma árvore genealógica, a família que “enforca”, que sufoca a nova geração, representada principalmente pelos personagens que têm o nome de Vicente. A árvore sufoca, mas é firme e duradoura, fazendo-nos ver nas famílias da obra não só o sufocamento, mas também o apoio, a base que transmite estabilidade e segurança. Em *A moratória*, Joaquim, quando precisou sair de sua casa, carregou consigo um galho de jabuticabeira. O abandono das jabuticabeiras representa também a ruptura dele com o seu mundo, pois ele é obrigado a abandonar a fazenda por falta de recursos, como vários cafeicultores fizeram, na crise de 29. Ele leva consigo não só o galho, mas também seus filhos, os quais abandonando o antigo mundo podem dar início a uma vida nova.

O último símbolo do título que está presente ou é mencionado em todas as peças é o relógio. Ele é uma relíquia de família, herdado ao longo das gerações; por mais que muitos personagens não deem importância a este objeto, ele está sempre presente, provando as raízes e a idade da família – ele aparece desde *As confrarias*, carregado dentro de uma trouxa por Martiniano. Claramente percebemos a alusão ao tempo, e o que faz este estar estagnado ou mudando é representado pelo próprio relógio: em peças onde as famílias não evoluem, onde os personagens não conseguem perceber as mudanças do meio e ficam presos ao passado, o relógio aparece sem ponteiros, parado; ao contrário, quando há alguma mudança inevitável ou escolhida pelos personagens, o relógio aparece com ponteiros e alguém dá corda nele, para que não pare. O relógio estagnado ou em movimento pode marcar a diferença entre os personagens que vivem fora da realidade, alienados, que se preocupam com problemas abstratos, e aqueles que apresentam um senso prático, que se preocupam com problemas concretos. Por fim, o relógio pode representar a própria ruptura, o processo de mudança: “the fragmentation of the clock accords with the disruption implicit in a period of transition”. (PINTO, 1984, p. 373)

Da mesma forma que *Marta, a árvore e o relógio* é a reunião de dez peças, o romance *O tempo e o vento* (escrito entre 1949 e 1962), de Erico Verissimo, é composto por três partes (*O continente, O retrato e O arquipélago*), cada uma com sua autonomia, podendo ser lidas em conjunto ou de maneira independente. Outra semelhança notada já de início é a importância das palavras contidas nos títulos das obras: já mencionamos que Marta, a

árvore e o relógio são símbolos; o tempo e o vento também são símbolos de amplas significações e possíveis relações.

O tempo pode ser interpretado como a passagem do mesmo, sendo os anos que passam do início ao fim da obra; pode representar também os personagens masculinos, pois a tradição dos homens da família Cambará é nunca permanecer em casa e não perder uma guerra, o que os leva a morrerem mais jovens que as mulheres da família – “Cambará macho não morre na cama” é a frase repetida muitas vezes ao longo do ciclo. Já o vento, por mais que possa ser pensado como algo passageiro e inquieto, em *O tempo e o vento* pode representar também o contrário, algo constante, pois o vento pode ser relacionado com as personagens femininas, principalmente Bibiana e Maria Valéria, que veem várias gerações de homens da família morrer - e elas, ao longo da obra, reclamam constantemente do vento muito forte e pedem para fecharem as janelas. O narrador menciona a presença do vento em várias ocasiões, e quando há situações de expectativa e de mudança, sempre está ventando.

Outra semelhança que há nas obras de Jorge Andrade e Erico Verissimo é a herança de geração para geração: em *Marta, a árvore e o relógio* é este último objeto que passa de mãos em mãos ao longo da trajetória da família; já em *O tempo e o vento* há dois objetos herdados: um deles pelas mulheres – uma tesoura de poda utilizada para cortar o cordão umbilical após um parto, que aparece na história desde o início, pertencente à mãe de Ana Terra – e outro pelos homens – um punhal, que foi de Pedro, o índio. Ana Terra e Pedro marcam o início da saga retratada em *O tempo e o vento*, que se desenvolve em torno da família Terra-Cambará, através da qual esses objetos permanecem até a última geração retratada na obra.

ASPECTOS REGIONALISTAS

Jorge Andrade apresenta em *Marta, a árvore e o relógio* um retrato da história de São Paulo desde as bandeiras de Fernão Dias até meados do século XX. No entanto, o foco central da obra não é a história, mas o que as mudanças desta refletem nas tradicionais² famílias paulistas. Ao longo das peças, podemos notar os diferentes contextos históricos e a forma como as personagens se articulam em cada um. Em *O sumidouro*, por exemplo, há a representação da formação de São Paulo, quando o estado era povoado principalmente por bandeirantes e suas famílias, sendo ainda uma colônia de Portugal.

² Ao utilizar o termo tradicionais, refiro-me às famílias que possuem antepassados que estavam em São Paulo desde o início do período de povoamento deste.

O *sumidouro* sugere desde logo o tema da bandeira de Fernão Dias Pais. Pelo enredo a obra marca, portanto, o ponto inicial de todos os desenvolvimentos futuros, quer da história, quer da sequência dramática criada por Jorge Andrade para o ciclo de *Marta*. Entretanto, a peça é de fato a última que escreveu e com a qual terminou sua obra. “[...] Trata-se, mais uma vez, de uma descida às origens, desta vez as mais remotas, de uma escavação das raízes, mas o poço do passado é iluminado por projetores modernos.” (ROSENFELD, 1986, p. 606) Em *As confrarias* e em *Pedreira das almas*, o contexto é a época da mineração, e o autor nos mostra focos de tensão política e revoltas ocasionadas principalmente pelo excesso de cobrança da coroa portuguesa e pelo monopólio do controle político e econômico interno da região. Em seguida, temos peças que mostram a decadência do período cafeeiro; e, por último, peças nas quais os personagens não conseguem se desvencilhar desses contextos históricos ocorridos e agem como se o passado ainda perdurasse no seu tempo. A presença nessa obra de uma realidade histórica aliada à ficção como forma de retratar um meio assemelha-se aos chamados romances de 30³.

Jorge Andrade has done for São Paulo what the novelists and dramatists of the Northeast, and Erico Verissimo in Rio Grande do Sul, have been accomplishing for their regions, for Brazil, and for the world since the 1930's.⁴ (MAZZARRA, 1983, p.192)

O principal ponto em comum entre os romances de 30, dentre os quais se situa *O tempo e o vento*, e *Marta, a árvore e o relógio* foi mencionado no comentário acima: ambos são regionalistas – Erico retrata a história do Rio Grande do Sul e de seu povo, desde a época das missões jesuíticas até o final da Era Vargas – e há uma mescla do fundo histórico verídico com o enredo ficcional.

AUTORES E ALTEREGOS

Outro tópico semelhante entre *Marta, a árvore e o relógio* e *O tempo e o vento* é o caráter pessoal dos textos, devido aos aspectos autobiográficos inseridos por meio de personagens inspirados em figuras reais, e do retrato de um mundo social e cultural ao qual os autores pertenciam⁵. Dentre os diversos dados biográficos, o que mais se sobressai como ponto de

³ Apesar de as obras de alguns autores, dentre eles principalmente nordestinos e gaúchos, serem chamadas de romances de 30, muitas delas não foram escritas na década de 30 e só são chamadas assim por continuarem mantendo o mesmo estilo, já generalizado.

⁴ Antônio Candido também menciona essa semelhança: “A obra de Jorge Andrade refaz, no teatro, um caminho percorrido em parte pelo romance brasileiro de nosso tempo, na medida em que se volta para a decadência dos valores patriarcais, que assinala a formação do Brasil atual.” (“Vereda de salvação”, in *Marta, a árvore e o relógio*, p.630).

⁵ Ver os romances *O labirinto*, de Jorge Andrade; e *Solo de clarineta* de Erico Verissimo.

comparação consiste na diferença entre gerações, em especial entre pai e filho. Uma das partes principais do romance de Erico e o foco central de duas peças de Jorge (*Rasto atrás* e *O sumidouro*) dirigem-se ao desentendimento entre um pai, que segue uma longa tradição de família, sustentada em valores patriarcais considerados ultrapassados, e um filho que não se adapta a esse modo de vida, por pertencer a outra geração. Temos um filho e um pai que se amam, mas apresentam personalidades tão diferentes que a mútua compreensão parece inalcançável, causando enorme sofrimento para ambas as partes.

Em *Marta, a árvore e o relógio*, Vicente é personagem em *A escada*, *Rasto atrás* e *O sumidouro*, sendo que nessas duas últimas peças fica claro que é o mesmo personagem, porque uma peça dá continuidade à outra; já em *A escada*, ocorre uma mistura que confunde o leitor, pois Vicente apresenta características comuns ao das outras peças - ele tem um filho de mesmo nome, é escritor e possui personalidade semelhante a do outro Vicente -, mas a sua família não é a mesma - por exemplo, sua mulher tem nome diferente da mulher do Vicente das outras peças e os pais também não são os mesmos. Na penúltima peça do ciclo (*Rasto atrás*), Vicente abandonou a família que vivia no interior de São Paulo para tentar encontrar a felicidade na cidade grande, já que sonha em ser escritor de peças de teatro. Seu pai é um homem do campo, que considera a força física e o trabalho braçal fundamentais para a formação de um homem, e queria que seu filho fosse seu companheiro, decepcionando-se ao ver Vicente crescer completamente desinteressado pela vida na fazenda. Já Vicente queria um pai mais compreensivo, que entendesse seu interesse por literatura e seus questionamentos poéticos, e não julgasse que a leitura fosse apenas desperdício de tempo.

Em *O tempo e o vento*, mais precisamente na terceira parte da obra, *O arquipélago*, aparece o desentendimento entre Rodrigo Terra Cambará e seu filho Floriano. Rodrigo segue a tradição gaúcha enfatizada no romance, na qual um homem deve ser “macho” e morrer num campo de batalha - por ironia é o primeiro homem da família a morrer na cama - enquanto seu filho, assim como Vicente, é um homem pacífico e urbano, além de também ser escritor - no fim da obra ele se propõe a escrever um romance da história do Rio Grande do Sul e de sua família, numa busca por autoconhecimento, e escreve exatamente o primeiro parágrafo da obra, dando a entender que ele a escreveu, e a tornando cíclica.

A partir dos personagens-escritores nota-se outro ponto de encontro entre as obras: a metalinguagem. Vicente, em *Rasto atrás*, e Floriano, em *O arquipélago*, são escritores, preocupados com os aspectos poéticos da vida humana. Ambos buscam atingir uma

verdade artística, escrever um trabalho literário que toque a fundo os sentimentos das pessoas, a partir da investigação interior, de entender de onde vêm, quem são seus pais, sua família, o mundo em que habitam. Para atingir essa meta, os escritores voltam-se para suas próprias histórias, suas memórias, resultando na confecção de um texto e dando a entender ser respectivamente a peça e o romance ao qual pertencem enquanto personagens centrais. O maior problema que eles têm que enfrentar a fim de obter esse autoconhecimento e produzir obras literárias importantes consiste no conflito com a figura paterna, e em ambas as obras há um momento de conciliação entre pai e filho, no qual há um acerto de contas que resulta no respeito mútuo, apesar das diferenças que os afastaram antes. Erico confessa, em *Solo de clarineta*:

Para mim uma das partes mais importantes d'*O arquipélago* seria o momento em que Floriano, depois dum grande esforço sobre si mesmo, consegue entabular com Rodrigo, seu pai, o diálogo que eu gostaria de ter tido com o meu próprio pai: um “ajuste de contas” no plano sentimental, numa completa libertação de todas as mitologias, de todos os códigos escritos ou não, um encontro no plano humano da mútua aceitação e do amor (VERISSIMO, 2005, pp. 21-2).

Ao contrário de seu alterego ficcional, Erico não teve oportunidade de ter a reconciliação com seu pai, que “morrera sozinho e na miséria”, ocasionando o arrependimento por não terem se entendido e o sentimento de culpa no autor. Ele diz: “Isso me doeu, dando-me um sentimento de culpa que eu repelia com o intelecto, mas sentia intensamente com o corpo inteiro” (VERISSIMO, 2005, p. 240).

Jorge Andrade, por sua vez, transpõe para a peça *Rasto atrás* várias frases ditas entre ele e seu pai, transcrevendo parte de seu acerto de contas, que ocorreu na vida real. Após o primeiro sucesso de Jorge como dramaturgo (*A moratória*, encenada em 1954), o pai do autor pareceu finalmente entender as escolhas do filho, conforme este atesta em seu romance autobiográfico: “Eu não sabia, filho! Eu não podia compreender. Peço que me perdoe. Agora sei que há muitas maneiras de amar a mesma coisa. Nunca li um livro! Sou fazendeiro atrasado, não podia saber que...!” (ANDRADE, 1978, p. 127) Na peça, as falas do pai de Vicente são bastante semelhantes às citadas acima: “João José: Eu... eu não podia compreender, meu filho! (...) Agora... eu compreendo. (sorriso doloroso) Eu só fui caçador... acho que o último! Nunca sofri caçando, filho. Era o que desejava pra você.” (ANDRADE, 1986, p. 525)

Diferentemente de Erico, Jorge diz, n'*O labirinto*, ter alcançado a reconciliação com seu pai e, por conseguinte, a admiração deste. Como vemos, estas experiências pessoais

descritas pelos próprios autores em romances de memórias, onde se percebe o ponto de vista deles sobre sua própria história de vida, servem muitas vezes como base para a confecção de seus textos literários.

O próprio Jorge Andrade percebeu que poderia seguir a trilha de Erico Verissimo, optando por criar um mundo ficcional a partir de sua vivência pessoal e buscar, nesse processo de autoconhecimento, atingir uma verdade artística. Um contato pessoal entre Jorge Andrade e Erico Verissimo está descrito em *O labirinto*. Ocorreu quando Jorge Andrade entrevistou Erico para a revista *Realidade*⁶, na qual trabalhava. No romance, Jorge demonstra seus sentimentos em relação ao autor que admirava e o modo como se sentia próximo a ele, a ponto de espelhar sua história na do romancista. Assim ele descreve a tensão que sentiu antes do primeiro encontro com Erico:

Já sei que, mais do que Wesley, Murilo ou Gilberto, é Erico quem vai me levar às revelações mais dolorosas. Olho seu rosto e compreendo que, diante dele, terei que ser eu mesmo. Este homem é sempre ele, na totalidade; não criou nenhuma personagem para ser, nem mesmo a do escritor Verissimo. E a experiência fundamental, o grande encontro da minha vida, começa. (ANDRADE, 1978, p. 126)

Ao descrever a conversa com Erico, Jorge menciona seus pensamentos e mostra uma preocupação constante com a figura paterna, notando que o escritor gaúcho assemelha-se a ele mesmo. Jorge procura, em sua entrevista, tratar de temas problemáticos para ele, que o façam refletir sobre sua própria vida. Percebe-se isso na seguinte indagação de Erico e em sua reação:

- Sobre quem tu queres que eu fale?
Quase grito: “sobre teu pai!”, na esperança de reencontrar o meu, aquele pai impossível que domina meus pensamentos (...) (ANDRADE, 1978, p. 130).

Como vemos, Jorge Andrade percebeu a semelhança entre seus problemas pessoais e aqueles vividos por Erico Verissimo, admirando o modo como o autor gaúcho partiu de suas experiências mais íntimas para criar um enredo de ficção. Embora não afirme diretamente que Erico foi um dos autores com os quais dialogou para criar sua obra, Jorge Andrade deixa claro que foi um leitor de Erico e que sua obra épica o impressionava. Não à toa o dramaturgo realizou algo semelhante, num outro gênero literário e sobre um outro estado brasileiro, mas bastante semelhante em suas linhas gerais:

⁶ Entrevista publicada em 1972 e realizada posteriormente às publicações de *Marta, a árvore e o relógio* e *O tempo e o vento*.

Foi (...) em 32, enquanto o eu-menino assistia a agonia paulista, que a voz de Erico Verissimo começou a se erguer no Sul, e, durante mais de quarenta anos, foi ouvida em todo o Brasil, sempre falando de liberdade, de amor e de respeito ao outro. (ANDRADE, 1978, p.119)

Desse modo, o cotejo entre as personagens das obras dos dois autores e o modo como elas se relacionam entre si e com seu mundo pode ser esclarecedor, revelando aspectos que dificilmente seriam observados numa análise individual. Com o enfoque no capítulo “A encruzilhada”, presente na terceira parte de *O tempo e o vento*, no qual há o acerto de contas entre Floriano e seu pai, e na peça *Rasto atrás*, na qual o personagem principal, Vicente, tem também seu acerto de contas com o pai, visou-se demonstrar como o conflito entre pai e filho é revelador das transformações ocorridas na sociedade retratada nas obras, alterada com o passar do tempo e surgimento de uma nova época – pois enquanto obras cíclicas, ambas contêm o “tempo” como aspecto onipresente.

Tendo em vista os encontros e semelhanças entre a vida e a obra dos autores, um estudo comparado pode trazer à luz aspectos contundentes para o conhecimento crítico da literatura brasileira moderna tais como: o uso da metalinguagem, das memórias pessoais ficcionalizadas, das relações humanas a partir de um fundo histórico bem definido, entre outros.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

- ANDRADE, Jorge. *A Marta, a árvore e o relógio*. São Paulo, Perspectiva, 1986.
_____. *O labirinto*. Rio de Janeiro, Paz e terra, 1978.
- LUKACS, Georg. *Significado presente do realismo crítico*. Lisboa: Cadernos de hoje, 1964.
- MAZZARA, Richard. “Parallels between the theater of Jorge Andrade and the modern “cycle” novel of Brazil”. In: *Revista Hispania*. vol.66, n°2, 1983, Espanha/Portugal.
- PINTO, Paul A. M.. “Jorge Andrade’s Three Enigmas”. In: *Hispania*. vol. 67, número 3, 1984.
- ROSENFELD, Anatol. “Visão do ciclo”. In: ANDRADE, Jorge. *Marta, a árvore e o relógio*. São Paulo, Perspectiva, 1986.
- VERISSIMO, Erico. *O tempo e o vento* (7 volumes). São Paulo, Cia das letras, 2004.
_____. *Solo de clarineta*, (vol. 1 e 2). São Paulo, Cia das Letras, 2005.

Abstract: This article is a general comparison between *Marta, a árvore e o relógio* (Jorge Andrade) and *O tempo e o vento* (Erico Verissimo). It is intended to expose some similar points, sticking mainly to the influence of autobiographical aspects in the work of the authors and to the analysis of the main characters, Vincent and Floriano, respectively.

Keywords: Comparative literature; Jorge Andrade; Erico Verissimo.